

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
ALLAN DWAN  
2 de Dezembro de 2021

## THE MOTHER OF THE RANCH / 1911

*Um filme de Allan Dwan*

Realização: Allan Dwan / Interpretação: Louise Lester (sra. Collins, a “mãe do rancho”), Jack Richardson (James Collins), J. Warren Kerrigan (Ed Neville), Pauline Bush, George Periolat, Wallace Reid, Pete Morrison, Carl Morrison.

Produção: American Film Manufacturing Company / Cópia: 35mm, preto e branco, muda com intertítulos em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 11 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

**The Mother of the Ranch** é apresentado com **The Most Dangerous Man Alive** (folha distribuída em separado).

\*\*\*

1911 foi o ano em que Allan Dwan começou a realizar filmes, em circunstâncias – como quase tudo o que acontecia naqueles anos formadores – bastante fortuitas. Empregado, como supervisor dos argumentos, numa produtora de Chicago (a American Film Manufacturing Company), pediram-lhe certa vez que fosse à Califórnia investigar a razão por que a equipa de produção que lá estava sedeada tinha deixado de mandar filmes para Chicago. Quando chegou à Califórnia, mais exactamente aos arredores de San Diego, perto da fronteira com o México, onde os filmes da AFMC eram feitos, percebeu que o realizador – cujo nome a História não guardou, nem aparentemente o próprio Dwan – tinha pura e simplesmente desaparecido, durante uma crise alcoólica. Dwan informou os seus patrões do sucedido, e em resposta recebeu de Chicago um telegrama: “realize você”. E Dwan, que em 1911 tinha vinte e seis anos, começou a realizar, só parando daí a quarenta e sete anos, em 1958, ano da rodagem de **The Most Dangerous Man Alive**.

**The Mother of the Ranch** não foi o primeiro filme de Dwan. O primeiro, que parece irremediavelmente perdido, foi, segundo recordação do próprio realizador, um filme chamado **Rattlesnakes and Gunpowder**. Mas, com **Three Million Dollars** e **The Ranchman's Vengeance** (dois títulos que veremos na sessão de amanhã, juntamente com mais alguns filmes realizados no ano seguinte), forma o trio de filmes mais antigos neste Ciclo, todos representantes desse ano inicial da actividade de Dwan como realizador, período em que o cineasta terá rodado centenas de filmes d uma bobina (segundo as contas do próprio, fazia-se, então, três filmes por semana). E é um filme absolutamente representativo da forma de fazer seguida por Dwan: um filme onde os cenários, sobretudo os cenários naturais, são pelo menos tão essenciais quanto os actores e a narrativa, e tudo se joga na relação – plástica, em primeiro lugar, mesmo se talvez, nessa época, essa relação nascesse mais dum instinto do que duma premeditação – entre as presenças humanas e os décors naturais. É notável como, em **The Mother of the Ranch**, a nossa atenção está constantemente a ser atraída para o fundo do plano (para as texturas rochosas da paisagem, para o agitar dos arvoredos) ou para o “espaço

negativo” -e isto, independentemente da narrativa, que é já relativamente singular, espécie de paródia de um género que ainda nem estava formado, o “western”, e que anuncia também aquela que viria a ser uma das características determinantes do cinema de Dwan, no “western” e fora dele, a atenção dada a protagonistas femininas. De resto, por instinto ou por premeditação, o jogo com a profundidade, a noção de que um plano tem uma superfície e um fundo e que o interesse da “acção” vem da forma como se põe uma coisa e outra em “diálogo”, é algo que **The Mother of the Ranch** cabalmente demonstra numa meia-dúzia de planos em que tudo gira em torno desse relacionamento (por exemplo, aquele plano – fixo, como todos – em que um cavaleiro se dirige em direcção à câmara enquanto que, ao fundo, um grupo de outros cavaleiros o persegue).

Se o emparelhámos com **The Most Dangerous Man Alive** não foi apenas por vontade de associar o “princípio” e o “fim” de Dwan; mas para ilustrar a ideia de que Dwan transportou, até ao “fim”, o “princípio”, e muito particularmente nesse derradeiro filme, rodado sem dinheiro nenhum em cenários totalmente pré-existentes – de certo modo, como estes filmes iniciais de 1911. E repare-se, em **The Most Dangerous Man Alive**, no plano que nos introduz ao (anti-)herói, cruzando a paisagem mexicana do fundo até à proximidade da câmara. Parece que ainda não saímos de **The Mother of the Ranch**. 1911 em 1958? Ou, ao contrário, 1958 em 1911?

Luís Miguel Oliveira